

SAÚDE MENTAL E O PAPEL DO ACOLHIMENTO: UM OLHAR PARA OS UNIVERSITÁRIOS

Ana Paula Machado Luz Ferreira¹; Luiza Machado Parcianello ²; Cristiane Bottoli³

RESUMO

Através de uma pesquisa de abordagem qualitativa cujo procedimento específico é a revisão bibliográfica narrativa, o presente trabalho tem como foco principal, analisar o papel do acolhimento e a atenção em saúde mental, visando discutir a relevância desse tipo de ação no contexto universitário. A entrada para a universidade traz muitas exigências aos universitários, os mesmos passam por inúmeras mudanças, o que pode vir a contribuir para o sofrimento psíquico. Com isso, torna-se relevante refletir sobre a saúde mental e o papel do acolhimento como um espaço potencial de atenção, cuidado e promoção de bem-estar. Por isso, o ambiente universitário pode ser capaz de promover um desenvolvimento profissional e subjetivo mais saudável e adequado.

Palavras-chave: Universidade; Saúde Mental; Acolhimento.

Eixo Temático: Atenção Integral e Promoção à Saúde (AIPS)

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem como foco principal, analisar o papel do acolhimento e a atenção à saúde mental, visando discutir a relevância desse tipo de ação no contexto universitário, bem como no amadurecimento das concepções conceituais desses aspectos mencionados. Busca-se uma melhor compreensão sobre a temática, para fomentar novos olhares, os quais sejam atentos e capacitados para as problemáticas que aqui se envolvem.

Entende-se que a universidade é um espaço de fundamental importância para o desenvolvimento de vida, uma vez que promove a ampliação do rol de habilidades e competências profissionais e pessoais (BARDAGI, 2007). Muitas vezes as exigências e demandas da vida acadêmica, podem levar os universitários a ter dificuldades em gerenciar as demandas nessa nova fase da vida.

Conforme Neves et al. (2019, p. 533) “os universitários, orientados por elevadas expectativas individuais e da família, pelas exigências do mercado de

¹ Psicologia, Universidade Franciscana - UFN. machado.anap99@gmail.com

² Psicologia, Universidade Franciscana - UFN. luizaparcianello@gmail.com

³ Psicologia, Universidade Franciscana - UFN. cbottoli@ufn.edu.br

trabalho e pelas pretensões pelo futuro profissional, pessoal e de ascensão social, cotidianamente, podem apresentar sofrimentos psíquicos”. Essa nova fase, possui marcos muito relevantes na vida destes, os mesmos passam por inúmeras mudanças, muitos deixam a casa dos pais, havendo um distanciamento dos familiares, mudanças no cotidiano, assim como no núcleo de amigos e a passagem de um ambiente que antes era escolar para um universitário, podendo trazer problemáticas que contribuem para o sofrimento.

Assim, observa-se que há uma grande necessidade em potencializar espaços nos quais sejam oferecidos acolhimento e atenção à saúde mental nas universidades, já que esse ambiente pode ser capaz de promover bem estar pessoal e desenvolvimento profissional, mas não se pode fechar os olhos para os aspectos já mencionados, os quais podem se apresentar de formas desfavoráveis aos universitários. Por isso, faz-se necessário serviços de apoio e de desenvolvimento para acadêmicos, ampliando diversas possibilidades de intervenções nesse contexto.

Os meios que podem ser utilizados para que haja promoção em saúde mental, devem ser observados, pensados e elaborados a partir da compreensão da integralidade do sujeito, ou seja, a níveis sócio-econômicos, subjetivos e físicos. Assim, não cabe apenas a uma área específica pensar nessas intervenções, mas um trabalho multidisciplinar e interdisciplinar.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se por ser uma pesquisa de abordagem qualitativa cujo procedimento específico é a revisão bibliográfica narrativa. Segundo Minayo (2001) a pesquisa qualitativa é usada quando um nível de realidade não apresenta condições de ser quantificado como é o caso de significações, valores, crenças e atitudes por serem variáveis mais complexas não podem ser explicadas reduzidas a números.

Rother (2007) define como revisão bibliográfica uma forma de pesquisa que utiliza da obtenção de resultados encontrados em livros ou artigos científicos de outros autores fundamentação teórica para o objetivo levantado. A autora classifica

como revisão bibliográfica narrativa a busca em obras amplas cuja forma de seleção não precisa ser explicada ou categorizada e se baseia na escolha pessoal do autor sendo apropriada para debater o desenvolvimento do assunto em questão de forma teórica ou contextualizada.

Assim, a seleção dos estudos e a interpretação das informações puderam passar pela subjetividade dos autores, utilizando-se de referências que estejam em consonância com os objetivos. Para a obtenção dos materiais que foram utilizados no estudo da temática, houve pesquisas em plataformas de artigos científicos como *Scielo*, *Google Acadêmico*, *Pepsic*, revistas acadêmicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O CONCEITO DE SAÚDE MENTAL

O conceito de saúde em si é extenso e plural, amplamente discutido através das décadas a fim de abranger todos os aspectos do conceito, é definido pela Organização Mundial da Saúde (1946) como não apenas a ausência de doença, mas a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social. Entretanto, de acordo com Segre e Ferraz (1997, p. 539), “essa definição, até avançada para a época em que foi realizada, é, no momento, irreal, ultrapassada e unilateral”, tendo em vista que é uma situação utópica, já que a saúde de um sujeito é influenciada por uma miríade de fatores sociais, mentais, biológicos, entre outros.

Para tanto, faz-se necessário ter uma visão múltipla da saúde do indivíduo, levando em conta o modelo biopsicossocial, que segundo Reis (1999),

visa ultrapassar o reducionismo daquele ao defender-se que a saúde e a doença não podem ser restritas aos factores biológicos ou orgânicos, como postula a biomedicina, pois as dimensões psicológica e social da pessoa são igualmente relevantes (p. 539.).

Introduzindo assim um olhar menos sanitista que leva em conta questões para além da ausência de doença, principalmente em um contexto mais específico de saúde mental. A saúde mental é uma zona de ampla diversidade teórica de conhecimentos intersetoriais, não se ocupa apenas das psicopatologias - ou a

ausência delas - mas de um funcionamento psíquico que se realize de maneira a não impedir o sujeito de mover-se em sua vida cotidiana ou que não traga malefícios para si ou para os outros.

Entretanto, essa definição em si, pode ser operada de diversas maneiras de um indivíduo para o outro, dependendo de múltiplos fatores e de seu contexto. Da mesma forma que é preciso que o profissional da saúde que atua na área tenha um olhar sensível e abrangente que leve em conta a complexidade psíquica de cada indivíduo e que cada história é única e causa impacto diferente no desenvolvimento (AMARANTE, 2013).

A saúde mental abarca um conceito subsidiário ampliado de saúde, sendo dinâmica, dependendo de aspectos coletivos, regida pelas singularidades, tem a ver com a maneira que a pessoa lida com as exigências da vida, a partir de que recursos psíquicos e como equilibrar suas ideias, emoções e ações. De tal forma que as articulações em saúde mental precisam contemplar aspectos múltiplos e intersetoriais tendo os sujeitos com uma postura ativa e protagonista de seu processo (SODRE et al., 2020).

3.2 O PAPEL DO ACOLHIMENTO

Inicialmente, pode-se colocar que o acolhimento refere-se a “dar acolhida, admitir, aceitar, dar ouvidos, dar crédito a, agasalhar, receber, atender, admitir” (FERREIRA, 1975, p. 27). Nessa perspectiva, o acolhimento compreende um ato de acolhida, o qual busca aproximar os sujeitos, tendo um sentido de incluí-los em suas diferentes dimensões.

Com isso, pode-se criar uma boa relação com a comunidade, neste caso especificamente, a comunidade interna da universidade, que vai além das instituições de saúde básicas propriamente ditas. A fim de colocar esse espaço como uma engrenagem que faça com que o acolhimento se estenda em outras dimensões, oferecendo uma melhor promoção e prevenção em saúde mental.

Cabe lembrar que o acolhimento não representa apenas um espaço ou um local, mas sim uma postura ética, pois “se refere ao compromisso com o reconhecimento do outro, na atitude de acolhê-lo em suas diferenças, suas dores,

suas alegrias, seus modos de viver, sentir e estar na vida” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010, p. 6). Isso abre para uma compreensão mais abrangente do que se refere o acolhimento, sendo que este não está atrelado a apenas um tipo de profissão específica para ser realizado, fazendo sentido ao que diz respeito ao ato daquele que está aberto a acolher.

Como colocado, quando o sujeito se dispõe a estar no lugar de quem acolhe, este mesmo reveste-se da responsabilidade de estar atento às demandas colocadas por aquele grupo de pessoas ou de forma individual, além de comprometer-se em fazer disso algo embasado na ética e em valores. Ainda, este ato traz para as relações e os encontros do dia-a-dia a invenção de estratégias que contribuem para a dignificação da vida e do viver e, assim, para a construção de nossa própria humanidade (BRASIL, 2010).

O acolhimento torna-se muito importante em diferentes lugares em que possa ser ofertado, no caso referente a universidade, pode-se compreender que ele deve ultrapassar o lugar exclusivo da atuação dos estagiários de psicologia, já que pode ser oferecido por intermédio de docentes e discentes de diferentes áreas, pelas coordenações de cursos, pela parte do secretariado, e afins. Torna-se muito relevante, para que se tenha um olhar mais sensível com alunos e colegas de profissão, que possam estar passando por sofrimento psíquico, a fim de compreender e perceber aquele que pode estar passando por alguma angústia ou por alguma crise de ansiedade, por exemplo.

Esse acolhimento que pode ser ofertado por qualquer pessoa do universo acadêmico, pressupõe inicialmente estar atento e com uma escuta verdadeiramente livre de julgamentos, mantendo uma postura adequada frente ao que está sendo e relatado, além de propiciar um lugar seguro, principalmente em casos que envolvam algum tipo de crise, para que aquele sujeito possa acalmar-se de certa forma, para assim poder formular sua demanda, fazendo com que o encaminhamento seja adequado. A partir daí firma-se o compromisso coletivo de envolver-se neste “estar com”, potencializando protagonismos e vida nos diferentes encontros nesse processo de acolhimento (BRASIL, 2010).

3.3 O ACOLHIMENTO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

O ingresso em uma instituição de ensino superior pode ser um momento de grandes movimentações psíquicas na vida do indivíduo, já que suscita mudanças ambientais, sociais, psicológicas, entre outras. Para muitos faz parte da simbologia da transição para a vida jovem adulta e a vivência do luto da adolescência, sendo catalisador para experimentação e autoconhecimento. Entretanto, pode também causar abalo psíquico, já que traz novos dilemas complexos, como uma carga de responsabilidades maior, questões financeiras e de identidade, a carga acadêmica, as expectativas pessoais e familiares sobre o futuro e o mercado de trabalho, a relação com novos grupos diversos de pessoas, a solidão, bem como fatores de desigualdade social e econômica sendo mais aparentes. De tal forma que “essas vivências no novo contexto serão permeadas por eventos que poderão ser experienciados como desafiadores e interferirem na qualidade de vida e nos aspectos físicos e emocionais” (SOUZA *et al.*, 2020, p. 648).

Assim, tal período pode ser pautado de uma quantidade significativa de angústia, colocando o sujeito em situações novas onde pode se sentir vulnerável e desconfortável, provocando sofrimento psíquico e até mesmo físico. Para tanto, a necessidade de um serviço de acolhimento é de extrema importância para o bem-estar individual e coletivo, já que há uma alta incidência de aparecimento de sintomas, principalmente quadros de depressão e ansiedade (SOUZA *et al.*, 2020).

É importante denotar que o acolhimento não precisa acontecer necessariamente em um *setting* padronizado e inflexível, mas pode usar de estratégias grupais e coletivas que estimulem a inserção social e promovam um potencial espaço de identificação e cuidado, além de utilizar os ambientes da instituição e proporcionar um outro tipo de experiência mais positiva e integradora, que também pode ser terapêutica (FARINHA *et al.*, 2019).

4. CONCLUSÃO

É possível perceber, então, a relevância do acolhimento no contexto universitário, que pode ser um catalisador de experiências que colocam o sujeito em situação de vulnerabilidade e podem levar ao adoecimento psíquico, dependendo dos recursos emocionais que estão disponíveis. Para tanto, é necessária uma visão

abrangente e múltipla sobre a questão da saúde mental, levando em conta uma perspectiva para além da ausência de doença e não se limitando a ser unicamente sanitarista.

Sendo a saúde mental um tema tão amplo, que atua no individual e coletivo, é preciso que se utilize estratégias variadas, tendo como objetivo o bem-estar, a integração e a criação de um espaço seguro para compartilhar, ser escutado, cuidado e acolhido. A possibilidade de desenvolvimento dessas questões nesses espaços, abre caminhos para que o olhar para a saúde mental se torne relevante para os universitários e futuros profissionais.

Espaços para acolhimento e suporte psíquico no ambiente acadêmico demonstra que a instituição de ensino se compromete com a promoção da saúde integral, tornando este, um espaço produtivo e saudável para os indivíduos, permitindo a construção de relações e um ambiente de cuidado, para que se objetive não só a formação de profissionais capacitados, mas profissionais que estejam preocupados e cuidando de sua saúde mental.

A capacitação e desenvolvimento de locais que olhem e acolham os universitários para suas questões, apresenta-se como uma excelente ferramenta para diminuir fatores estressantes, a fim de favorecer uma melhor qualidade de vida e bem-estar melhorando diferentes aspectos dos sujeitos. A potencialização do acolhimento coloca-se como algo impreterível, para que haja a externalização de medos, dúvidas e inseguranças que permeiam o meio universitário.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Saúde mental, territórios e fronteiras**. In: AMARANTE, P. Saúde mental e atenção psicossocial. 4. ed. Fiocruz, 2013. cap. 1, p. 15-21.

BARDAGI, M. P. **Evasão e comportamento vocacional de universitário: estudos sobre o desenvolvimento de carreira na graduação**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. 2º ed. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_praticas_producao_saude.pdf> Acesso em: 27 de ago. 2022.

FARINHA, M.G.; CENTURION, N.B.; BRAGA, T.B.M.; STEFANINI, J.R. **Rodas de conversa com universitários: prevenção e promoção de saúde.** Revista do NUFEN: Phenom. InterdBelém, n.11, p. 19-38, 2019.

MINAYO, M.C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, MARIA. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

REIS, J. **Modelo metateórico da Psicologia da Saúde para o séc. XXI:: Interacção ou integração biopsicossocial?.** Análise Psicológica, v. XVIII, ed. 3, p. 415-433, 1999.

ROTHER, E.T. **Revisão sistemática X revisão narrativa.** São Paulo , v. 20, n. 2, p. v-vi, Junho 2007 . Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt>> Acesso em: Set. de 2022.

SEGRE, M.; FERRAZ, F.C. **O conceito de saúde.** Revista de Saúde Pública: Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, v. 31, ed. 5, p. 538-542, 1997.

SODRE, E.N.; MORAIS, G.A. de; SILVA, M.C. da; QUIRINO, M.F.; BARBALHO, M.C.G.; ROMANO, N.M.; PAES, R.S.S.Z.; SOUZA, V.O.L. de. **Orientações sobre cuidado, saúde mental e atenção psicossocial frente ao retorno às atividades regulares no âmbito do Instituto Federal Fluminense.** Instituto Federal Fluminense, 2020.

SOUZA, D.C. de; ROSSATO, L.; CUNHA, V.F. de; OLIVEIRA, P.P.C. de; CAMPOS, S.O.; SCORSOLINI-COMIN, F. **Saúde mental na universidade: um relato de um serviço de psicoterapia para estudantes de enfermagem.** Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, v.8, p. 648-657, 1 ago. 2020.